

2000: O Choque de Consciência

Cristovam Buarque

Até o ano 2.000 já não há tempo para construir a utopia que todos esperavam para esse ano. Mas ainda há tempo para evitar que até o ano 2.000 se concretize a tragédia social que hoje está sendo construída.

A continuar o mesmo rumo das últimas décadas, o Brasil do ano 2000 será um País segregado, com uma minoria rica separada da maioria da população; com uma natureza destruída; uma sociedade sem qualquer laço de solidariedade; internacionalmente ridicularizado pela insensatez e repudiado pela violência.

Brasília, que foi feita por imigrantes, será uma cidade cercada, para impedir a entrada de forasteiros. Internamente, as quadras estarão fechadas, como hoje estão as Octogonais, e como já se começa a propor para todas. As ruas serão privadas, como já estão algumas. A cidade será ocupada pela polícia, para garantir a circulação dos ricos. O campus da universidade será rodeado por uma muralha e por ela só passarão aqueles que apresentarem e usarem crachá de identificação. As escolas e os hospitais continuarão tão diferenciados quanto hoje, estruturando duas populações diferenciadas física e intelectualmente.

Novos shopping centers serão construídos, mas longe das populações e das invasões, para dificultar ainda mais o acesso já proibido hoje às pessoas pobres. O Conjunto Nacional será fechado, para ser exclusivo, ou incorporado ao conjunto formado pela Rodoviária, servindo ao comércio das classes populares.

Se seguirmos a tendência das últimas décadas, essa realidade estará estruturada, e já não chocará. Será vista como o cotidiano usual, legítima forma de defesa.

Mas ainda há tempo para evitar este desastre. Se nos próximos anos optarmos por uma revisão do destino ao qual o País se propõe. Se em vez de ficarmos ajustando e mudando os meios utilizados, mudarmos os próprios objetivos. Se em vez de insistir na idéia da modernidade imitativa visando copiar o caro nível de consumo dos países ricos, optarmos por investir e organizar nossos recursos na solução dos problemas que queremos evitar: a tragédia da educação, da saúde, da perda de solidariedade. Se fizermos o óbvio: o uso inteligente da terra para todos que quiserem trabalhar e produzir.

Brasília é parte do Brasil. Até o ano 2.000 as soluções serão nacionais ou não serão soluções. A Brasília do ano 2.000 será apenas uma parte do Brasil do ano 2.000. O papel do brasiliense é sobretudo tentar formular, propor e lutar pela construção de um Brasil diferente, onde haverá lugar para uma Brasília diferente.

Já não é tempo de esperar a utopia, mas ainda não é tempo de desesperar. Até o ano 2.000 o Brasil já estará muito melhor se simplesmente conseguirmos até lá entender realmente que nossa crise não está apenas nas taxas de juros, salários, subsídios, estatais ou privatizações, mas no tipo de Brasil que nos anos 50 imaginamos que poderíamos fazer real até o ano 2.000. Ainda melhor, se em lugar daquele projeto estúpido e impossível que já demonstrou seu fracasso, formos capazes de realizar o choque de consciência: a necessidade de redefinirmos os nossos objetivos para o ano 2.000.

□ Cristovam Buarque é professor da UnB, recentemente publicou dois livros: "A Desordem do Progresso" e "O Colapso da Modernidade Brasileira e uma proposta alternativa".

